



**QUARTO DE DESPEJO – MANIFESTAÇÃO DO DISCURSO FEMININO NA LITERATURA BRASILEIRA**

**QUARTO DE DESPEJO – A MANIFESTATION OF THE FEMININ DISCOURSE ON BRAZILIAN LITERATURE**

**Maricélia Nunes dos Santos<sup>1</sup>**  
**Prof. Dr. Wagner de Souza<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo a análise da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), escrita por Carolina Maria de Jesus, de forma a apontar para sua relevância enquanto possibilidade de escrita da história a partir da perspectiva feminina. Tomando o diário de Carolina como manifestação de um grupo marginalizado na história, averigua-se como a autora, enquanto mulher pobre, moradora da favela e semi-analfabeta, se utiliza da escrita literária para retratar o ambiente em que vive e refletir sobre o mesmo. Verifica-se, pois, que o texto autobiográfico da autora possui grande representatividade, posto que possibilita a escrita da história a partir da perspectiva feminina, tornando-se um espaço de denúncia das situações subumanas a que, não raras vezes, a mulher – enquanto grupo silenciado ao longo dos tempos – encontra-se exposta.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Quarto de despejo*; Carolina Maria de Jesus; literatura feminina.

**ABSTRACT:** This article aims at analyzing the work *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), written by Carolina Maria de Jesus, intending to point to its relevance as a possibility for writing history from the female perspective. Taking the diary of Carolina as a manifestation of a marginalized group in history, we investigate how the author, while a poor woman, and a semi-illiterate “favela” (slum) resident, uses the literary writing to portray the environment in which she lives and to reflect about it. Therefore, we verify that the author’s autobiographical text is especially impressive considering that it allows the writing of history from a female perspective, becoming a space of accusation of the inhuman conditions that women are not rarely exposed to as an all through muted group.

**KEYWORDS:** *Quarto de despejo*; Carolina Maria de Jesus; women’s literature.

## Introdução

---

1 Acadêmica do Curso de Letras – Português/Espanhol, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNOESTE, *campus* de Cascavel. E-mail: maricelianuness@hotmail.com.

2 Docente da área de literatura do Curso de Letras, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNOESTE, *campus* de Cascavel. E-mail: dswagner17@gmail.com.



A literatura é, bem como as demais formas de expressão artística, de grande relevância na busca de respostas para questionamentos inerentes ao indivíduo, nas reflexões relacionadas à condição humana.

Ainda que haja uma variedade muito grande de tipos de textos e mesmo que, ao longo da história, tenham ocorrido diversas transformações, de acordo com as premissas de cada época, o que parece permear qualquer obra que de fato se possa denominar literária é a capacidade de lidar com o mundo factual de forma a questioná-lo e, assim, desvendar os seus aspectos mais escamoteados. É nesse sentido, pois, que interessa o estudo de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960). Entende-se que a análise de tal obra possibilitará compreender a condição social ocupada pela autora/narradora a partir de sua própria perspectiva.

O texto, escrito pela catadora de lixo Carolina Maria de Jesus, aponta para a forma como a sociedade brasileira da década de 50 é retratada, sob a perspectiva de uma mulher pobre e negra, cuja formação escolar não ultrapassa o segundo ano da educação primária. É de inquestionável importância o estudo da história a partir da perspectiva dos marginais, pois, conforme afirma Jim Sharpe,

Tradicionalmente, a história tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes. O interesse na história social e econômica mais ampla desenvolveu-se no século dezenove, mas o principal tema da história continuou sendo a revelação das opiniões políticas da elite. (SHARPE, 1992, p. 40).

Assim, visualiza-se na escrita de autoria feminina, bem como na produção de outros grupos privados da escrita durante muito tempo, a possibilidade de uma revisão da história oficial. Nosso objetivo consiste, portanto, em estudar a maneira como essa autora negra, mãe de três filhos, catadora de papel e semi-analfabeta escreve sua história e, por extensão, a história de outros indivíduos excluídos socialmente.

### **A favela paulista dos anos 50 pelo olhar de Carolina**

À imagem do que ocorre com a protagonista de *Dos palavras*, conto escrito pela chilena Isabel Allende, e semelhantemente à personagem central de *Esses Lopes*, obra de um dos grandes artistas da literatura brasileira, Guimarães Rosa, Carolina utiliza-se da palavra como instrumento



que lhe possibilita lutar contra as situações adversas que se apresentam. Por outro lado, contrariamente às personagens dos contos ora citados, Carolina não é uma personagem ficcional, senão uma mulher à margem da sociedade paulista dos anos 50.

Trata-se de uma figura que parece não se conformar com a situação precária em que se encontra e, como forma de lutar para safar-se de tal situação, passa a fazer uso da palavra, ainda que conte apenas com dois anos de educação primária. Uma vez mais se aproximando das personagens ficcionais anteriormente citadas, parece ter sido a capacidade de buscar pelo conhecimento sem o auxílio sistematizado da escola que lhe possibilitou tal utilização da escrita.

Ao escrever, em seus cadernos, aquilo que mais tarde seria selecionado e publicado sob o nome de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Carolina conquistou espaço em inúmeras discussões. À primeira vista, o que se evidencia é a maneira como a obra atua no sentido de denunciar a situação precária, desumana, à qual está exposta uma grande parcela da população, que vive em favelas, às margens da sociedade. Seus escritos são, inquestionavelmente, de relevância neste sentido, pois retrata a voz do marginalizado falando de sua própria história, registrada segundo a sua perspectiva. De acordo com Sharpe, ao surgir,

Essa perspectiva [a história vista de baixo] atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história. (SHARPE, 1992, p. 41).

Há que se ter em conta também que, mesmo marginalizada, Carolina, conforme aponta Carla de Fátima Cordeiro, não se identifica com os habitantes da favela, nem se sente em casa, acreditando que seja provisória sua estadia naquele ambiente: “para a autora viver na favela é uma situação temporária, pois ela não *é* favelada, só *está* favelada, o que lhe permite olhar criticamente para a situação” (CORDEIRO, 2006, p. 3 – grifos da autora). Sua relutância em ver-se como parte daquilo que descreve pode ser justificada pelo fato de que dispõem de uma visão crítica mais apurada do que julga ser a visão dos demais: ela reflete sobre a situação à qual está exposta e escreve para denunciar; é, assim, diferente dos demais habitantes da favela que, segundo suas descrições, parecem estar corrompidos pelo ambiente em que se encontram.

De acordo com o que afirma Letícia Pereira de Andrade, “[...] Carolina parece se sentir diferente e incompreendida em toda parte [...]” (ANDRADE, 2010, p. 246), isto ocorre porque,



como indivíduo capaz de refletir sobre sua condição, não consegue ver-se como igual aos demais habitantes da favela e, por outro lado, como catadora de lixo e habitante do lugar, não pode negar aquilo que tem em comum com os demais. Em outro estudo acerca da mesma obra, Andrade reforça suas considerações a respeito do distanciamento entre Carolina e os demais, ao afirmar que:

É paradoxal, tem consciência social, mas ao tratar com seus vizinhos favelados, aparta-se, sente-se diferente, superior, define-se como cidadã intelectual [...] ironicamente, tem que trabalhar catando papel no lixo – o mesmo papel que usa para escrever; é negra, exalta a beleza negra, mas, simultaneamente, não quer ter relações amorosas com negros, considera-os vítimas de um contexto histórico cruel e atribui a cor preta às várias mazelas sociais. Carolina condena a violência e se intromete nas brigas comportando-se, às vezes, com violência e ameaças [...] (ANDRADE, 2008, p. 86).

A pesquisadora ancora-se em Madalena Magnabosco (2002) para explicar tais contrariedades no comportamento de Carolina. Afirma, pois, que

[...] as forças político-econômicas e sociais que regem na sociedade dividem Carolina de Jesus em incluídos e excluídos, implicando uma diferença estabelecida e estandardizada entre homens/mulheres, ricos/pobres, cultos/incultos, negros/brancos. (ANDRADE, 2008, p. 87).

*Quarto de despejo* possui grande importância no sentido de que evidencia o uso do fazer literário como forma de denúncia social. Nesse sentido, não há dúvidas de que, em determinados momentos, os aspectos socioculturais sobressaem em detrimento da estética, dos valores de cunho artístico. Ora, no sentido literário, a análise proposta deverá sempre considerar a interferência do jornalista Audálio Dantas, segundo o qual

A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos. [...] Mexi, também, na pontuação, assim como em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. (DANTAS, 1993, p. 3).

Não se considera que sejam irrelevantes tais interferências; a escolha pela publicação de determinada parte e omissão de outra – ainda que sob a justificativa de que a repetição acabaria por cansar o leitor – interfere significativamente na obra, na construção de sentidos que propicia. O fato de o livro acabar com um registro do dia 01 de janeiro de 1959, no qual se lê “Levantei as





5 horas e fui carregar água” (JESUS, 1993, p. 167), seguido ao texto escrito no dia 31 de dezembro de 1958, em que se manifestam as esperanças de um ano melhor, é de grande importância no sentido literário, pois permite que se visualize a forma como a esperança (já desesperada) de Carolina e sua atividade rotineira (e sofrida!) se sucedem “interminavelmente”.

A atuação de Dantas não se limita, porém, à interferência causada no texto. O jornalista é também responsável pela publicação do livro e, conseqüentemente, pelo grande número de vendas que teve. Carolina não conquistou tanto êxito na venda de suas publicações posteriores, o que pode ter como possível causa o fato de que não contou com a contribuição da mídia, como ocorreu no caso da primeira obra; adrede, não se pode negligenciar o fato de que antes de ser livro, *Quarto de despejo* foi notícia.

Ao estudar *Diário de Bitita* (1986), Daniel da Silva Moreira expõe que

O sucesso da obra foi imenso, o maior êxito editorial do país até aquele momento – e não poderia ser diferente no clima populista da sociedade brasileira da virada da década de 1950 para a de 1960 –, e sua autora foi imediatamente tomada como símbolo da luta contra as injustiças da sociedade brasileira. Carolina servia perfeitamente para desempenhar um papel que a sociedade ansiava por ver preenchido, era a um só tempo mulher, negra, pobre, migrante, semi-analfabeta, mãe solteira e líder de família e, assim, de um dia para o outro, a catadora de lixo que sonhava em escrever para mudar de vida tornou-se a expressão máxima da denúncia da condição do oprimido. (MOREIRA, 2009, p.02).

Conforme já foi afirmado, não se pode ignorar as condições nas quais surgiu o primeiro livro de Carolina, pois tais condições são significativas na grande repercussão que teve a obra. Nesse mesmo viés, prossegue Moreira, afirmando que era uma exigência do mercado que seus diários tivessem uma continuidade; e, como tal continuidade deveria se dar naquele momento, desprovida da “[...] naturalidade do anterior, suas aventuras na *Casa de Avenaria* equivaliam a uma espécie de segundo capítulo de uma novela folhetinesca.” (MOREIRA, 2009, p. 03).

Ao falar da importância de *Quarto de despejo*, Andrade assegura que

Muito provavelmente a escritora não teria alcançado o sucesso que obteve com seu primeiro livro se este fosse de poemas ou de contos, por exemplo, posto que a forma do diário está intrinsecamente ligada a uma forma de passagem do tempo que potencializa as agruras do cotidiano, a estética do menos, marca do texto caroliniano. Além disso, a ligeireza dos relatos garante à tendência lírica da escritora uma desenvoltura maior e o uso das especiais “lantejoulas”, do tentar escrever “difícil”.



Outro ponto que evidencia o sucesso da comunhão entre o assunto e a forma narrativa é a aparência de sinceridade que está vinculada à forma do diário como gênero. A história do gênero diário parece gerar um modo cristalizado de leitura que exige do leitor uma posição particular, a de acreditar que está lendo toda a verdade, segredos inconfessáveis, um texto fiel ao acontecimento. Este modo de leitura impulsionou as “verdades” que Carolina Maria de Jesus quis apresentar, mas, por outro lado, lançou sua obra em direção às muitas análises de cunho sociológico (ANDRADE, 2008, p. 83-84).

Ainda que em forma de diário, como aponta Andrade, a obra ora analisada não parece ter sido escrita para a finalidade que normalmente tem esse tipo de texto, isto é, ser o registro da intimidade que, como tal, não deve ser levada ao conhecimento de todos, senão que permanecer guardada, servindo apenas como uma espécie de desabafo. Em *Quarto de despejo*, o que se percebe é o registro das atividades rotineiras de Carolina, mas é também o relato da forma como vivem aqueles que foram relegados às margens da sociedade. Carolina não escreve para guardar; seu diário é, paradoxalmente, a tentativa de levar ao conhecimento de todos o que acontece no “quarto de despejo”.

A obra de Carolina não funciona apenas como o relato de suas próprias atividades rotineiras; trata-se, no entanto, de um narrar reflexivo daquilo que ocorre à classe marginalizada. E ninguém mais marginalizado do que Carolina: negra, mulher, pobre, semi-analfabeta e mãe de três filhos de pais diferentes. Ora, não se poderia esperar senão a marginalização em se tratando de uma sociedade em que prevalece o sistema capitalista, a superioridade do branco em relação ao negro, e do homem em relação à mulher.

A narradora protagonista denota consciência de sua condição, como pode ser percebido no seguinte trecho:

... Ele [o pai da filha] deu-me 120 cruzeiros e 20 para cada filho. Ele mandou os filhos comprar doces para nós ficarmos sozinhos. Tem hora que eu tenho desgosto de ser mulher. Dei graças a Deus quando ele despediu-se. (JESUS, 1993, p. 156).

A única opção que tem, a mesma com a qual luta contra tudo, é escrever para que fiquem registrados os momentos pelos quais passa, bem como seu repúdio em relação a eles.

Tudo o que é narrado, todos os relatos das “lambanças dos favelados”, é adaptado por um “viés feminino”: “que olha pela janela do barraco enquanto esquenta a mamadeira das crianças, que observa uma mulher apanhando e



pensa que é melhor estar sem homem, que tem de parar de escrever para lavar roupa.” (DALCASTAGNÈ *apud* ANDRADE, 2009, p. 09).

O texto em estudo é a história escrita a partir do viés feminino. Considerando que “[...] identidades sociais de classe social, gênero, sexualidade, raça, idade, profissão etc. são simultaneamente exercidas pelas mesmas pessoas nas mesmas ou em práticas discursivas diferentes” (MOITA LOPES, 2002, p. 36). Portanto, deve-se perceber *Quarto de despejo: diário de uma favelada* como sendo a manifestação proveniente de uma mulher e, como obra produzida em tal contexto, aponta para todos esses fatores.

Como manifestação do feminino, são válidas as palavras de Conceição Evaristo que, ao referir-se à representação da mulher negra na literatura brasileira, afirma:

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma *auto-representação*. Criam, então, uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o *lugar da escrita*, como direito, assim como se toma o *lugar da vida*. (EVARISTO, 2005, p. 54 – grifos do autor).

O fato de mulheres como Carolina assumirem o controle do lápis, no sentido de passarem a registrar a própria história, segundo a sua perspectiva e, ainda, mostrarem-se atuantes nessa história, é de grande representatividade. A partir de atitudes desta natureza tornam-se capazes de mudar aquilo que Michelle Perrot registra como sendo a situação a que vinha sendo condicionado o gênero feminino.

Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e escrita pelo homem. Militante, ela em dificuldade e se fazer ouvir pelos seus camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes. A carência de fontes diretas, ligada a essa mediação perpétua e indiscreta, constitui um tremendo meio de ocultamento (PERROT, 2001, p. 186).



Ora, a mulher, seja ela negra ou branca, pobre ou de classes sociais privilegiadas, não precisa de alguém que conte sua história e não aceita ser relegada de uma história que também é sua. Como representante desta mulher que tem voz e quer ser ouvida, Carolina afirma “Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas são obrigadas a pedir esmola. São sustentadas por associações de caridade.” (JESUS, 1993, p. 14), referindo-se ao fato de que é discriminada pelas moradoras da favela por não possuir um marido. O que importa para esta mulher é criar seus filhos de forma digna, alimentá-los adequadamente. “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis” (JESUS, 1993, p. 14). Em determinado sentido, ser solteira assume uma conotação positiva, porque lhe possibilita maior independência e, inclusive, a liberdade de permanecer escrevendo até tarde da noite.

O que afeta de forma significativa Carolina é a situação subumana em que se encontra, e, neste sentido, são vastos os registros da fome, da baixeza que presencia no ambiente da favela. Diante das dificuldades que enfrenta constantemente, a autora – utilizando-se de uma linguagem lírica – diz: “Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade.” (JESUS, 1993, p. 72). E se a autora favelada cata todos os dias o sustento dos filhos, Michelle Perrot alerta para o fato de que não é um caso isolado ao afirmar que “Para essa eterna catadora de coisas [a mulher], a cidade é uma floresta onde ela desenvolve sua incansável atividade, sempre em busca de uma oportunidade de alimento ou combustível.” (PERROT, 2001, p. 201). Com base nesta afirmação, cujas palavras são proferidas ao falar da mulher da cidade, pode-se ratificar uma vez mais que Carolina, ao retratar o cenário em que se encontra, falando de suas próprias atitudes, fala também da situação em que se encontra exposta a mulher pobre e cidadina, e, dessa forma, passa a ser a voz de uma coletividade.

Além disso, Carolina apodera-se da escrita para descrever as diferentes mulheres que compartilham com ela o ambiente fétido da favela paulista. Aponta para as condições que influenciam na conduta das mais moças ao afirmar que “nas favelas, as jovens de 15 anos permanecem até a hora que elas querem. Mescla-se com as meretrizes, contam suas aventuras (...) Há os que trabalham. E há os que levam a vida a torto e a direito.” (JESUS, 1993, p.16). E denuncia: “Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais.” (JESUS, 1993, p. 17-18).





Se por um lado a escritora de *Quarto de despejo* escreve de forma a retratar as mulheres com quem compartilha o cenário da pobreza; por outro, ela mesma, a partir de seus relatos diários, se deixa conhecer pelos leitores. E, neste aspecto, há que salientar a Carolina mãe: “Como é horrível ver um filho comer e perguntar: ‘Tem mais?’. Esta palavra ‘tem mais’ fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as penelas e não tem mais.” (JESUS, 1993, p. 34). Trata-se de uma mãe que busca diariamente pelo alimento para os filhos, (muitas vezes só encontra no lixo) e que reclama a ausência do homem: “Eles [os filhos] não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar.” (JESUS, 1993, p. 19). Suas queixas são análogas às de muitas outras mulheres que se vêem como as únicas responsáveis pelos próprios filhos, como se os mesmos não tivessem um pai.

Ora, se a vida como mulher é tão difícil, seria muito mais fácil ser homem. Assim pensa a Carolina menina apresentada no dia 7 de junho:

...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia na Historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe:  
 - Porque a senhora não faz eu virar homem:  
 Ela dizia:  
 - Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem.  
 Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciado. Igual os políticos distante do povo. Eu cansava e sentava. Depois começava a chorar. (JESUS, 1993, p. 48).

As crendices do povo não foram capazes de fazê-la homem; logo, não garantiu seu lugar na História oficial do Brasil, um espaço reservados aos homens, àqueles que ocupam o centro da sociedade, já que, conforme aponta Jean-Claude Schmitt, “os papéis representados pelas elites do poder, da fortuna ou da cultura pareciam ser os únicos que contavam.” (SCHMITT, 2001, p. 261). Se, conforme expõe Lucía Guerra,

El rápido e irreverente vistazo a ciertos volúmenes en la biblioteca, verdadero cuartel de la imaginación masculina, le permite descubrir otra verdad: el hecho de que la mujer lejos de poseer una identidad propia siempre *ha sido dicha* por los hombres en un abultado imaginario en el cual se destaca su inferioridad.” (GUERRA, 2007, p. 14 – grifo da autora).

Logo, o que mulheres como Carolina fazem é, conforme afirma Evaristo, assumir a posição de donas de sua própria história e passar, então, a escrevê-la segundo sua subjetividade.



Não se espera, por outro lado, que escrevam “romances bonitos” como era a produção romântica destinada às moças burguesas do século XIX. Mulheres que têm o que dizer não querem romances cor-de-rosa. O que lhes é essencial é escrever sobre aquilo que lhes cerca, o que de fato vivem, o que lhes falta; enfim, há uma necessidade urgente de gritar o que até então fora silenciado.

A escritura feminina não é, portanto, o lírico, o poético, o memorialístico, numa configuração de gênero ou espécie, mas uma forma de escrita que, valendo-se destes recursos escriturais, aponta uma presença da mulher onde ela sempre foi ausente: o de narradora de sua própria história. (BAHIA *apud* ANDRADE, 2009, p. 04).

É também neste viés que afirmam Alonso e Toniosso: “A leitura de *Quarto de despejo* incita uma discussão em torno do cânone. Esta ‘literatura menor’, como muitas vezes foi denominada, mostra-se capaz de criar envolvimento e beleza, na medida em que recria poeticamente o rebotalho universo de uma favela.” (ALONSO; TONIOSSO, 2009, p. 04 – grifo dos autores).

Literatura menor, conforme afirmam os teóricos, não apenas por ser escrita por uma mulher, mas por ser negra e pobre, o que lhe torna triplamente marginalizada. É literatura menor porque provém daqueles que sempre estiveram excluídos da história. De acordo com Eduardo Coutinho,

[...] os cânones revelam-se como um dos maiores esteios da tradição eurocêntrica falocrática e racista, que privilegiou certas vozes em detrimento de outras por razões político-hegemônicas, e convertem-se no principal alvo do questionamento. Agora contextualizados, os cânones multiplicam-se e reestruturam-se, passando a contemplar vozes até então silenciadas, e se tornam provisórios e flexíveis explicitando a sua condição política até então camuflada. (COUTINHO, 2003, p. 75).

As palavras de Coutinho são válidas no sentido de reafirmar o que até agora foi exposto no que se refere à relevância da escrita de Carolina como sendo uma manifestação literária que possibilita o revisionismo. Coutinho afirma que a literatura proveniente dos grupos que durante muito tempo foram silenciados opera uma grande transformação na literatura, que passa de um discurso coeso e unívoco para um discurso plural e descentralizado (COUTINHO, 2003). Em outras palavras, já não há um único tipo de literatura que consiste na produção dos grupos



detentores do poder social, senão uma literatura mais variada que corresponde ao discurso de diferentes grupos sociais.

### Considerações Finais

O estudo de *Quarto de despejo* faz-se relevante não apenas no âmbito da literatura, mas também como manifestação de valor sociológico e histórico, já que consiste em um marco dessa literatura proveniente de grupos marginalizados e, consecutivamente, é de grande valia na revisão da história oficial.

Tal valor justifica o resgate da obra que, não raras vezes, é relegada dos estudos acadêmicos, sendo desconhecida de muitos estudantes. Nesse sentido, entende-se que este trabalho possibilitou o conhecimento dos estudos já realizados a respeito dos textos de Carolina Maria de Jesus e, a partir dos mesmos, rendeu reflexões acerca do lugar ocupado por sua literatura.

Além disso, é mister destacar na escrita de Carolina a construção de uma imagem da mulher brasileira que luta incansavelmente pelo sustento dos filhos e pela própria sobrevivência. Trata-se de uma mulher que amiúde não dispõe das condições básicas de vida, que se vê como vítima do preconceito dos outros – e, inclusive, de outras mulheres –, quando não de seu juízo pessoal, que ainda luta por libertar-se de valores deturpados de uma sociedade hipócrita. É a mulher enquanto ser que age e quer espaço para agir que se encontra em *Quarto de despejo*. Não se trata de uma imagem construída sob a ótica deturpadora do “de fora”, senão que a própria mulher falando de si e daquilo que vê como sendo parte de seu convívio. É a mulher que se sabe mulher e que requer o direito de escrever a própria história.

### Referências

ALONSO, M; TONIOSSO, J. P. *Revisitando a Cinderela Negra: Literatura e História em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus*. In \_\_\_\_ Revista Hispecí e Lema. N°. 01, agosto/2009. Disponível em: <http://www.fafibe.br/hispecielemaonline> . Acesso em: 15 set. 2010.

ANDRADE, L. P. de. *Uma noção de poeta*. In \_\_\_\_ Revista Rascunhos Culturais. N°. 01, jan./jun. de 2010. Disponível em: <http://www.cpcx.ufms.br/sites/rascunhos/files/2010/07/Primeira-edi%C3%A7%C3%A3o-Artigo-08.pdf> . Acesso em: 15 set. 2010.



\_\_\_\_\_. *Quarto de despejo: realização estética do fragmento*. In \_\_\_\_ Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008 – Tessituras, Interações, Convergências. Disponível em: [http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/075/LETICIA\\_ANDRA\\_DE.pdf](http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/075/LETICIA_ANDRA_DE.pdf) Acesso em: 15 set. 2010.

\_\_\_\_\_. *Quarto de despejo: a literatura memorialística feminina*. In \_\_\_\_ Revista Travessias. Nº. 5, 2009. Disponível em: [http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed\\_005/artigos/cultura/pdfs/QUARTO%20DE%20S.pdf](http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_005/artigos/cultura/pdfs/QUARTO%20DE%20S.pdf). Acesso em: 15 set. 2010.

\_\_\_\_\_. *O diário como utopia: Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus*. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2008. Disponível em: [http://www.cbc.ufms.br/tesdesimplificado/tde\\_arquivos/13/TDE-2008-08-20T142839Z-209/Publico/LeticiaTMLE.pdf](http://www.cbc.ufms.br/tesdesimplificado/tde_arquivos/13/TDE-2008-08-20T142839Z-209/Publico/LeticiaTMLE.pdf) . Acesso em: 15 set. 2010.

CORDEIRO, C. de F. *A favela segundo Carolina*. In \_\_\_\_ Revista Baleia na Rede. Nº 3, dezembro de 2006. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/R>. Acesso em: 24 set. 2010.

COUTINHO, E. F. *Literatura Comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

DANTAS, A. *A atualidade do mundo de Carolina*. In \_\_\_\_ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1993.

EVARISTO, C. *Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira*. In \_\_\_\_ Revista Palmares. Nº. 01, agosto/2005. Disponível em: [http://afro-latinos.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD\\_CHAVE=957](http://afro-latinos.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD_CHAVE=957) . Acesso em 15 set. 2010.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1993.

MOITA LOPES, L. P. da. *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

MOREIRA, D. da S. *Reconstruir-se em texto: prática de arquivamento e resistência no “Diário de Bitita”, de Carolina Maria de Jesus*. In \_\_\_\_ Revista Estação Literária. Nº 3, 2009. Disponível em: <http://www.ucl.br/pos/letras/EL> . Acesso em: 15 set. 2010.

PERROT, M. *Os excluídos da História*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SCHMITT, J. *A história dos marginais*. In \_\_\_\_ LE GOFF, J. (org). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SHARPE, J. *A História vista de baixo*. In \_\_\_\_ BURKE, P. (org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.